

EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA: O CASO DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DE IRECÊ- BA.

O presente artigo Educação, Juventude e Agricultura Familiar Agroecológica: o caso do Território de Identidade de Irecê tem como objetivo analisar o papel da educação na construção de projetos de vida de jovens agricultores familiares agroecológicos do Território de Identidade de Irecê, refletindo sobre as experiências educativas destes jovens e a relação da escola com o trabalho desenvolvido por sua família.

Para tanto, faz-se necessário refletir sobre educação, sobre a atual conjuntura em que a juventude está inserida bem como a reflexão acerca da construção de projetos de vida onde os jovens se constituem sujeitos de sua própria história, escolhendo o campo como espaço de vida e a agricultura familiar agroecológica como atividade econômica que lhe possibilita concretizar os seus projetos de futuro.

Falar sobre a juventude, na sociedade contemporânea, significa reconhecer que se trata de um período de transição, cuja característica principal é o descompasso entre o projeto de vida e as possibilidades de concretizá-lo, em virtude da dificuldade de inserção de uma parcela significativa de jovens no mercado de trabalho, gerando, como consequência, uma inclinação à ampliação ao período da juventude e da escolarização ou a uma antecipação da vida adulta.

No caso específico do jovem rural, a agricultura familiar, segundo Wanderley (2009), contrária a muitos estudos que afirmavam a sua condenação ao extermínio, tem se apresentado cada vez mais forte, destacando-se principalmente como fonte de trabalho no campo e pela sua capacidade de resultado através de estratégias familiares multifacetárias.

A agricultura familiar baseada nos princípios da agroecologia destaca-se como uma estratégia multifacetária da agricultura familiar e também se apresenta como uma experiência educativa de resistência e de inovação, gerando, conseqüentemente, a possibilidade de construção de projetos em que os jovens dão sentido às suas vidas, reconhecendo a sua importância na sustentabilidade da sua família, da sua comunidade e, principalmente, do planeta.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa de mestrado é analisar o papel da educação na construção dos projetos de vida de jovens agricultores familiares agroecológicos do Território de Identidade de Irecê.

Este estudo foi desenvolvido nos municípios que compõem o Território de Identidade de Irecê, uma vez que a experiência vivida, neste Território, com a Agricultura Familiar Agroecológica tem-se apresentado na contramão das pesquisas publicadas sobre juventude e agricultura familiar.

Do ponto de vista metodológico, este estudo insere-se no âmbito da abordagem qualitativa, possibilitando a inserção do pesquisador que capta os significados dos fenômenos, explicando-os de tal forma que quem lê interpreta sentindo-se, como se fosse membro do grupo pesquisado. Trata-se de um estudo de caso, pois investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real (YIN, 2010).

Para compreender o papel da educação na construção de projetos de vida pelos jovens agricultores familiares agroecológicos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, gravadas, para análise de cada detalhe do que foi dito por cada jovem entrevistado, observações diretas da dinâmica vivida pelos jovens no cotidiano de suas famílias, observações nas feiras de produtos agroecológicos, com registros escritos no diário de campo, rodas de conversas, durante as visitas e análises documentais.

Os sujeitos partícipes da pesquisa são jovens agricultores familiares agroecológicos do Território de Identidade de Irecê, que estão divididos em dois grupos: os que nasceram em famílias agroecológicas e aqueles que aderiram à agroecologia, após intervenções técnicas realizadas pelo GARRA, Grupo de Apoio e Resistência Rural e Ambiental e de um Engenheiro Agrônomo da

EBDA, Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrário, que presta assistência técnica aos agricultores familiares da região.

Vale ressaltar outro dado importante que vem ocorrendo com os jovens em Irecê, mas que não é um fenômeno específico do TII, trata-se de um fenômeno que vem afetando toda juventude do campo. Diariamente tem saído de Irecê três a quatro ônibus com jovens para trabalhar nas lavouras de café em Minas Gerais em virtude da falta de emprego em Irecê, estes jovens migraram para a cidade em busca de trabalho, por falta de alternativa de sobrevivência no campo. Como se vêem sem alternativa na cidade, vendem sua força de trabalho para grandes empresas agrárias.

Buscando refletir acerca do papel da educação para a construção de projetos de vida dos jovens agricultores familiares agroecológicos, a seguir, apresentarei a experiência do TII de alteração do “mundo da vida”, Bauman(2005).

5.1 Os jovens e suas experiências educativas.

As experiências educativas vivenciadas pelos jovens no TII sinalizam o efetivo papel da educação na sensibilização dos jovens para o envolvimento com o projeto da agricultura familiar agroecológica. A começar pelo GARRA, Grupo de Apoio e Resistência Rural e Ambiental, que foi fundado em 1989, por jovens estudantes da ESAGRI, Escola de Agricultura de Irecê, que foram motivados a trabalhar com a agricultura familiar agroecológica, após a disciplina Agroecologia. No Anexo 1 Ata de Fundação do GARRA, deixam definido o seu compromisso com um outro projeto de agricultura, apresentando algumas ações no programa de trabalho:

Encaminhar o registro jurídico da entidade, cadastrar todas as propriedades com experiências na linha do GARRA e os produtores interessados, resgatar e documentar as práticas existentes e as variedades de espécies adaptadas, selecionar algumas propriedades que possam servir futuramente como núcleo de geração de tecnologia, programar eventos de divulgação como: participar na Semana de Arte, em fevereiro, na semana do meio ambiente, em junho, publicações em jornais de Irecê e no jornal do grupo de Gameleira, estudar, em primeira etapa, possibilidades de apoio a comercialização dos produtos isentos de agro-tóxicos. (Ata de fundação do GARRA, 04/11/1989 – ANEXO 1)

Hoje, após 22 anos de existência, o GARRA, conseguiu cadastrar 228 famílias, como já apresentado, presta assistência técnica a estes agricultores familiares, organiza e estimula a continuidade da feira de produtos agroecológicos, toda semana, em Irecê, organizou o banco de sementes tradicionais do TII e também desenvolve projetos como o ATER- Mulheres- Projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural para mulheres agricultoras familiares do TII- dentre outros projetos.

Em entrevista com um dos responsáveis pelo GARRA, **Interlocutor 1**, realizada no dia 12/05/2011, ele nos revelou que juntamente com os demais fundadores do GARRA foram motivados a trabalhar com a agricultura agroecológica enquanto alunos da ESAGRI, no curso técnico agrícola, onde eles tiveram contato com as discussões a respeito da agricultura agroecológica, primeiro chamada de agricultura alternativa, porque se apresentava como uma alternativa à proposta de agricultura da revolução verde, cujo fundamento era o incremento de insumos químicos, máquinas agrícolas e financiamento para o cultivo do feijão, mamona, cebola e milho.

Estas mudanças relatadas pelo responsável pelo GARRA, **Interlocutor 1**, são também relatadas pelo pai da família que nunca utilizou agrotóxico, **Interlocutor 5**. Utilizando outras palavras ele relata:

A coisa foi se mudando a partir dos anos sessenta pros anos setenta, com a revolução deles na verdade. E aí veio a questão da tecnologia, os tratores, que até essa época não tinha a questão dos tratores, todo mundo plantava era na enxada e depois, no final dos anos sessenta já pros anos setenta é que começou a arar a terra, a plantar tração animal, no caso a gente usava o trator no início dos anos setenta, o trator apenas pra arar e aí riscava com tração animal, fazia riscadura e riscava e plantava na mão. Mas aí passou a plantar até feijão, até o ano passado plantava de tudo, plantava um pouco de tudo, inclusive a safra maior daqui, era tradicional aqui, mas dava de tudo. (INTERLOCUTOR 5, IRECÊ, 14/08/2011)

A agricultura alternativa ao modelo da revolução verde passou a ser chamada de orgânica por não utilizar adubos químicos, mas ainda não havia a preocupação com o bioma específico de cada região. A agricultura de base agroecológica passa a ser chamada assim, em virtude de sua preocupação específica em aproveitar os recursos da natureza localmente disponíveis para desenvolver agriculturas que assegurem produções estáveis e satisfatórias para atender às necessidades econômicas das famílias agricultoras e que, ao mesmo tempo, possuam elevada capacidade de se auto-reproduzir técnica, cultural e ecologicamente.

A respeito dos processos educativos vivenciados pelo grupo de agricultores familiares agroecológicos do TII, como apresentado anteriormente, neste grupo tem agricultores que já plantaram utilizando agrotóxicos e que após assessoria técnica do GARRA e de um Engenheiro Agrônomo da EBDA, **Interlocutor 2**, eles deixaram de usar os agrotóxicos e passaram a seguir as bases agroecológicas. Neste mesmo grupo, têm aqueles que nunca plantaram com agrotóxico, e que, hoje, já têm os seus filhos como os responsáveis por prosseguirem o trabalho iniciado pelos pais, como é o caso da família, que apresentarei a seguir.

Da família que nunca utilizou agrotóxico, entrevistei dois jovens. Uma jovem agricultora familiar agroecológica, de 28 anos, a **Intrelocutora 3**, nasceu em uma família agricultora agroecológica, sustentou os seus estudos, vendendo produtos orgânicos. Seus irmãos mais velhos relatam que vendiam rosas para poder pagar a mensalidade da escola em Canarana, pois na época, não existiam escolas públicas de Ensino Médio próxima a Lagoa Funda, povoado onde vivem. A jovem, que morava em Irecê e trabalhava no Centro de Assessoria ao Assuruá- CAA, retornou para o povoado onde nasceu para ampliar o trabalho da sua família conjuntamente com o seu irmão mais novo.

A **Intrelocutora 3** quando relata as suas experiências educativas mais marcantes, traz muito forte o seu envolvimento com o coletivo de jovens camponeses, como também traz a importância da sua formação política adquirida no sindicato e nas ONG's do Território, reforçando que suas trajetórias educativas se constituíram muito além dos muros da escola, conforme apresentado no relato abaixo:

vim pro primeiro encontro de juventude camponesa da Bahia, lá em Feira de Santana, realizado pela FETAG imagine, mais de mil jovens. Ave Maria, descobri o mundo, ô maravilha! Então assim, começaram a discutir coisas, coisas que o jovem do campo discute né, então assim, nesse momento que você vai se abrindo e começando a perceber que existe outro lugar além do seu e de que outras pessoas começam também a pensar como você e que aquela luta é comum, né. Foi aí que eu conheci Che Guevara, que eu comecei a conhecer esse povo, olha assim, a me envolver com a luta coletiva, não só daqui, mas de outros países que também faziam esse luta, conhecer outra gente, conhecer outro povo. E aí nesse momento desse curso que eu vim pra..., foi que eu

comecei a relação com o Garra, relação com o Ipê Terras, que era uma das organizações que tinham aqui no território que faziam essa discussão, que já fazia essa discussão lá em Barro Alto né, já fazia essa parceria com a associação comunitária do sindicato. No entanto, como eu tava no meu mundo ainda, das organizações sociais, fazia uma discussão com a igreja, muito mais próximo, mas não pra sair e tudo, foi quando a gente começou a fazer a discussão do projeto de revitalização da cultura popular, lá em Barro Alto, eu era agente local, eu era conhecida como agente local. E começou a fazer a discussão, o sindicato foi propondo a gente do projeto, eu enfiei nesse sindicato e nunca mais saí. Aí começou a articulação com o Ipê Terras e o Garra e fui fazer as oficinas e esse foi um projeto muito interessante. (INTERLOCUTORA 3, IRECÊ, 12/05/2011)

O irmão mais novo desta jovem com 20 anos de idade à época da pesquisa, o **interlocutor 4**, concluiu o Ensino Médio em uma escola em Barro Alto, que fica há 10km de distância de Lagoa Funda, teve a experiência de ir morar em Irecê e trabalhar no escritório de contabilidade de uma grande loja de materiais de construção, conforme relatado abaixo, e depois decidiu voltar para o povoado onde vive a sua família e trabalhar na roça com os produtos agroecológicos.

Eu trabalhava no setor de contabilidade, lançando, dando entrada e lançando nota. De anos anteriores aos anos atuais, a gente fazia tudo. Experiência boa, porque o estudo, a empresa grande, nunca tinha assinado carteira. Fui, assinei carteira, trabalhei por um período de um ano e oito meses, foi muito bom, experiência boa mesmo, conheci pessoas de várias maneiras que nunca tinha... foi bom Eu acho que a monotonia, eu nunca gostei de ser muito aquela coisa todos os dias. Era uma rotina constante, trabalho, casa e tal, chagava. Aí eu falei, “não, eu vou voltar, eu vou...”. Aí chegou um dia eu falei, “não, aqui não dá”. Vamos dizer, lá todo mês você tinha o seu, não sobrava muito por quê? Você pagava tudo, aluguel, morava só, tem que pagar aluguel, água, luz e alimentação e o passe pra cá, que a gente vinha e ia todo final de semana. Aqui não tem isso, mas não tem todo mês aquela quantia, mas aqui o salário não deixa saudade do de lá. (INTERLOCUTOR 4, LAGOA FUNDA, 20/04/2012)

Esta experiência lhe possibilitou acessar o sonho da carteira assinada e do salário no final do mês que é socialmente construído e que, segundo Bauman (2005, p. 19), a sociedade classifica como “a chave para a solução dos problemas ao mesmo tempo da identidade pessoal socialmente aceitável, da posição social segura, da sobrevivência individual e coletiva, da ordem social e da reprodução sistêmica”.

Outro jovem entrevistado, com 20 anos, filho da família que já utilizou agrotóxico, **Interlocutor 7**, também vivenciou a mesma experiência do **Interlocutor 4**. O **interlocutor 7** também não se sentiu realizado com a conquista do emprego. Conforme relatado a seguir a experiência de morar em São Paulo não foi o que ele imaginava.

As vezes a gente jovem pensa que lá fora, como a gente não conhece, pensa que lá fora pode ter um recurso melhor, alguma coisa e aí, como eu tenho muita família lá também, eu fui tentar lá, né. Mas aí, como só tem eu e ele de irmão, a gente é muito apegado aos pais, eu acabei não conseguindo ficar muito tempo

lá, tal e também você acaba vendo que não é aquele mundo que você pensa. (INTERLOCUTOR 7, IRECÊ, 20/04/2012)

Estes jovens vivenciam mal-estares e aflições, “especificamente líquido-modernos”, gerados pelas “baixas expectativas de trabalho para os recém-saídos da escola que ingressam sem experiência no mercado preocupado em aumentar os lucros cortando os custos com mão-de obra e se desfazendo dos ativos” (BAUMAN, 2005, p. 18). No caso específico destes jovens, outra alternativa é apresentada para eles projetarem as suas vidas; a agricultura familiar agroecológica.

O **Interlocutor 7** tem um irmão de 15 anos, **Interlocutor 6**, que pela pouca idade, ainda não teve a experiência de morar em outro centro urbano, mas traz na memória o tempo em que ele não podia ajudar o pai no trabalho na roça, pois, em virtude da utilização de agrotóxicos, os seus pais não permitiam que seus filhos ajudassem e nem se alimentassem do que produziam.

O pai desta família, **Interlocutor 8**, relatou que plantava utilizando agrotóxico, e que nesta época, só ele e a mulher trabalhavam na plantação. Ele passou momentos difíceis e decidiu pegar empréstimo no banco para a compra de agrotóxicos e fertilizantes químicos, visando à ampliação da sua produção.

Este agricultor se endividou e ainda as suas terras não produziam mais com a mesma quantidade que ele estava acostumado. Resultado, ele entrou em desespero e quando já estava se organizando para ir trabalhar em outras terras para garantir o sustento de sua família, conheceu o trabalho desenvolvido pelo Engenheiro Agrônomo da EBDA, a quem ele pediu ajuda.

Relata, também sobre a importância das intervenções do GARRA e do Engenheiro agrônomo da EBDA, para a melhoria do processo produtivo em suas terras. Com estas intervenções a sua família aprendeu a não praticar queimadas, usar de forma racional a água e desenvolver algum tipo de calda para evitar pragas que destruíssem a plantação.

Vê-se na prática das intervenções educativas feitas, pelo GARRA e pelo Engenheiro Agrônomo da EBDA, a presença do compromisso com uma educação libertadora que, segundo Freire (1997, p.67) “faz com que mulheres e homens pensem sobre o que são, para, à partir daí, serem mais conscientes, mais livres e mais humanos”.

Estes jovens construíram suas trajetórias educativas baseados nas relações vividas em diversos espaços com suas famílias, com a comunidade que fazem parte, nos movimentos sociais, no trabalho, através da assistência técnica realizada pelo GARRA e EBDA e também pela escola, como veremos a seguir nos relatos sobre as experiências escolares vivenciadas por estes jovens.

5.2 Jovens e a relação entre a escola e o trabalho desenvolvido na agricultura familiar.

A consciência de mundo construída por estes jovens perpassa sobre o sentido da terra para a vida deles, muitas vezes esquecida nos currículos das escolas cuja maioria dos alunos é filho de camponeses e convivem com a terra como espaço de construção de suas próprias vidas.

A relação entre escola e a construção de projeto de vida vivenciada pela **Interlocutora 3** foi construída a partir da sua relação com outros espaços educativos em que ela pôde vivenciar, na prática, o seu compromisso político com a vida, não só com a sua própria vida, mas com a vida dos que a cercavam. A sua escolarização (Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio) foi toda feita em Lagoa Funda e a escola como ela relata era da comunidade:

Na Lagoa Funda, como a escola era a escola da comunidade e a gente tinha que ir todo mundo, vamos dizer assim, e o povo da gente que era tudo parente tá lá, o diretor era meu parente, todo mundo, eu comecei a perder aula de sexta-feira e sábado pra ir pra essa feira de quinze em quinze dias, eu tava no primeiro ano.

Do primeiro ano que eu comecei a perder aula de quinze em quinze dias, podia ser prova, podia ter apresentação, podia ter o que fosse, no sábado que eu chegava lá, que a gente saía de casa sexta-feira ou meio dia, dependendo do carro por que o carro que a gente ia era o carro de linha, ou então cinco horas da tarde, na sexta-feira até o sábado uma hora da tarde eu tava aqui, e quando voltava eu tinha vez que tinha prova. Eu não tinha estudado nada, não tinha dado tempo, mas eu fazia as duas provas, a que tinha tido sexta-feira e a do sábado que ia ter. Foi passando o tempo e a gente foi estudando, porque era uma das prioridades estudar, mesmo na escola precária da comunidade, mas a gente precisava estudar, e pra mim, eu sempre tive vontade de estudar. Eu passei a participar das coisas do sindicato e meu pai como militante, como o povo costuma dizer nascia os dentes e meu pai já estava na militância, ele fundou o sindicato de Canarana e de Barro Alto e eu comecei a participar também, eu tinha 11 anos. Só que quando eu cheguei no sindicato eu vi um monte de sócios o povo tudo de mais idade, quase todo mundo não assinava o nome, no livro de ata todo mundo colocava o dedão. Aquilo me angustiava. O mesmo acontecia nas vésperas da eleição. Minha família, graças a Deus é uma família política. Política no sentido de ter consciência política. Quando eu chegava na escola, para discutir, na segunda, terceira, quarta série, que o povo dizia que ia ter eleição, isso era muito forte. Eu dizia assim: minha vontade de estudar, não era para ser igual aqueles professores, que eles mesmo estudados não podiam opinar, mas não para ser como aqueles professores que tinha ali, que não falavam as coisas como deveriam ser ditas. Eu não tinha noção do que era ter Nível superior, eu só sabia que queria ser diferente daqueles professores que tinham ali (INTERLOCUTORA 3, IRECÊ, 12/05/2011).

A relação estabelecida por esta jovem com a escola, foi uma relação de negação daquele modelo ali instituído e que, para aquela comunidade era a única alternativa de acesso à escolarização. Portanto, as crianças daquela comunidade não tinham escolha, tinham que frequentar aquela escola mesmo sendo em condições precárias.

Esta escola, pelo relato da jovem, apresenta-se de forma deslocada da realidade da comunidade em que está inserida, a professora se coloca como a única transmissora de conhecimentos que convém que os alunos aprendam. As demais experiências vividas por esta jovem fora da escola, na família, na roça, no sindicato, na assessoria técnica e na comunidade onde morava não tinham significado para esta escola, em consequência, a escola, para ela, passa a perder a sua legitimidade como espaço de vida, mesmo sendo reconhecida a sua importância para a comunidade em que vivia, como agente de socialização. A este respeito Flecha e Torjada, assim analisa a educação,

Embora seja certo que a educação é algo que não se pode remeter à formação recebida na escola, também o é que a crise da escola na sociedade da informação foi tomada socialmente como um instrumento de medida dos males que nos atingem. Apesar da perda de legitimidade que tal situação traz, continua sendo um dos principais agentes de socialização. (FLECHA; TORJADA, 2000, p.28)

Esta jovem também construiu a sua relação com a escola, de forma política, lutando pela garantia da escola na comunidade em que eles vivem para ela e para todos de sua geração. Ela relata, abaixo, com muito orgulho esta experiência:

Eu tenho orgulho de dizer, que é minha, o meu curso foi formação geral na minha comunidade. Na escola da minha comunidade, tinha a escola e tinha o ensino médio, porque nós brigamos, a minha turma brigou por que nós não queríamos estudar na sede do município, por que na sede do município o ensino não era tão bom como o nosso, e a gente sempre deu exemplo em qualquer lugar, todos os alunos que saíram da Lagoa Funda, ou pra Canarana, que era o município próximo, ou pra Barro Alto, arrasavam, eram os melhores alunos. E a gente, “nós não vamos pra Barro Alto”, fizemos uma briga, fizemos abaixo assinado, fomos pra câmara de vereadores e deixamos o curso de formação geral com a Lagoa Funda. Foi a primeira turma, a primeira turma que se formou na Lagoa Funda foi a turma nossa, dois mil e dois. Pensa na felicidade de formar na comunidade, que assim, era, é totalmente diferente. (INTERLOCUTORA 3, IRECÊ, 12/05/2011)

É importante analisarmos o quanto o relato acima nos possibilita refletir que educação é um processo dialógico e dialético, e que, segundo Freire (1978) o educador não é a mediação entre o conhecimento e o educando, porque quem faz a mediação no sentido de transformação, é o próprio educando. Segundo as palavras de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1978, p.79).

Para esta jovem, formada em Pedagogia e especialista em Gestão de Organizações Educacionais, UNEB- Campus XVI - Irecê, entrar na Universidade, também foi outra luta, agora, contra pré-conceitos historicamente construídos e perpetuados nas relações com a família e com a comunidade, acerca da questão de gênero e classe social, evidenciados, a seguir, na fala da jovem:

“universidade, o que era isso?”, a gente não sabia não assim, não tinha essa aproximação. Aí o que é que eu fiz, o povo da turma saiu pra fazer cursinho, duas pessoas, imagine! A menina ia casar, ia ser mãe de família, ou então virar rapariga. Os meninos trabalhar na roça e casar também e ter filho. Então só teve duas pessoas, uma que tinha condição foi pra São Paulo e prestou vestibular lá e passou, hoje ela é nutricionista e a outra que fez vestibular da UNEB e passou, fez letras uma outra colega e a outra que fez, que tentou fazer sociologia na área da psicologia e não conseguiu passar, depois conseguiu passar em agronomia, olha a diferença! Agronomia, em Juazeiro, e ela foi estudar lá. Todas essas três tinha condição financeira e fizeram por isso. A última, inclusive muito minha amiga, fez o curso e foi estudar por que ela dizia assim, “pra meu pai!”, olhe a cabeça! “Pro meu pai, bom aluno é aquele que passa em universidade pública”. E por isso ela foi fazer o curso de agronomia, por que ela passou em universidade pública, ela ia fazer. (INTERLOCUTORA 3, IRECÊ, 12/05/2011)

No relato acima, a Universidade Pública tem uma representação importante para esta comunidade, “o bom aluno é o que passa em universidade pública”, então, havia um movimento dos jovens de buscarem prosseguir seus estudos em uma Universidade Pública, que no caso do TII, na

época em que a **Interlocutora 3** concluiu o Ensino Médio, há 10 anos atrás, só existia o Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - DCHT- Campus XVI em Irecê.

Desta vez, estes jovens não puderam reivindicar a universidade na comunidade em que eles viviam, tiveram que se locomover para realizarem as provas do vestibular e concorrer por uma vaga na universidade conforme trecho, a seguir, da entrevista com a interlocutora 3.

Uma galera começou se inscrevendo pra fazer e eu digo, “e eu vou fazer”. Só que aí um problema, o dinheiro, era cinquenta reais. Eu cheguei lá em casa e falei com mãe, “mãe, eu vou fazer, eu to com vontade de prestar o vestibular da UNEB, só que é cinquenta reais. Agora a senhora precisa saber né, que eu não vou fazer pra passar assim não, imagine o povo que tá fazendo cursinho, não sei o que. Eu vou fazer, é um teste, aí é um dinheiro que é praticamente perdido, cinquenta reais”, mãe ficou assim. É minha filha, faz! Nessa época um aperto miserável, eu disse, “meu Deus do céu, cinquenta reais jogado fora, pra pessoa testar” Aí depois decidi, “vou fazer a inscrição”. Fiz a inscrição. Gente chegava que nem num fim de mundo, gente pra fazer esse vestibular. Quando eu fui fazer o vestibular, o primeiro dia foi simples assim. Encontrei meus professores todos, vieram numa van, veio uma van de Barro Alto com os meus professores, os meus professores vieram fazer, imagina? Eu disse assim, “meu Deus do céu..., esse negócio vai ser injusto demais, concorrência muito alta”, eu dizia assim, “mas como vai ser experiência mesmo, eu vou fazer”, despreocupada inclusive, de que não iria passar, tava certo na minha cabeça, era uma experiência. (INTERLOCUTORA 3, IRECÊ, 12/05/2011)

A jovem, ao relatar sobre a sua experiência de tentar aprovação no vestibular, também relata o medo com a escrita ortográfica que ela tinha consciência que, por ter sido alfabetizada por professores leigos, muito comum nas escolas do campo, hoje já está reduzindo a quantidade, muito em virtude de uma variada gama de cursos de formação para professores que diminuem números de professores leigos em todo o nosso país, porém não atendem às especificidades das escolas do campo.

Quando eu fiz, meu maior medo sempre foi redação sempre fui muito ruim, era uma questão ortográfica, e eu tinha preocupação, mas na hora de escrever não tive problema, dificuldade com isso por que, como a gente estudou na roça, eu tive muitos professores leigos e sempre teve uma dificuldade na escrita, muito grande. Aí então eu tive vergonha e preocupação com isso, mas como eu tava despreocupada também que eu não ia passar, peguei a redação, era sobre cultura né, era pra gente fazer uma relação sobre cultura popular e a cultura da Bahia e a redação, foi a primeira redação que eu tinha feito que eu tive coragem de mostrar pra todo mundo. Eu cheguei lá em casa, li minha redação. Nessa época eu tava trabalhando com um projeto de revitalização da cultura popular, do resgate da cultura. Então assim, tava muito presente na minha vida a questão da cultura né, da discussão, a gente tava trabalhando nas oficinas. O resultado saiu na rádio, quando leram os nomes do povo que meu nome não tava na lista, eu sabia que eu tinha né, não era novidade. “Olha mãe, já leram os nomes na rádio, saiu a lista dos aprovados na UNEB, não tinha meu nome”. Tinha um monte de gente conhecida, professores inclusive lá da escola municipal lá do Barro Alto, conhecido. Eu digo, “é, fazer o que, era uma experiência mesmo, tá bom”.

Passou uns dias, acesso a internet muito pouco pra ver lista de aprovados, eu fiz a inscrição pelas cotas, cotas de escola publica, mas aonde que eu sabia que tinha lista de cadastro de reserva, lista de espera, não tinha essas informações. Um belo dia, um colega meu lá do sindicato chegou pra mim e falou assim, a colocação dele ficou no trintagésimo quarto, sei lá trinta e quatro, ele pegou assim e falou, “Olhe , eu fiquei nessa colocação aqui, foi bom não foi”, eu falei, “foi, ô retado como que foi que tu descobriu esse negócio aqui, moço. Eu quero saber o meu, aqui meu comprovante, bora ver ali na internet”. E eu na preocupação, “e se meu nome nem aparecer na lista, se nem na lista meu nome não aparecer”. Aí fui, olhamos, quando nós olhamos meu nome ficou, das cotas é vinte vagas, eu fiquei no vinte e um, vigésimo primeiro. Eu disse, “meu Deus do céu”, e os meninos diziam assim, “Paula, tu vai ser chamada”, eu diziam assim, “gente, como pelo amor de Deus, que é isso”. (INTERLOCUTORA 3, IRECÊ, 12/05/2011)

O seu irmão apresenta uma experiência escolar diferente da vivida por ela. O **Interlocutor 4** estudou o Ensino Fundamental I e II em Lagoa Funda, povoado onde vive com sua família, depois o Ensino Médio, estudou em Barro Alto, cerca de 10 km de distância de sua casa, devido ao fechamento da escola em que sua irmã havia estudado. Ele conta que sempre gostou de estudar, mas que também ajudava no trabalho da família:

trabalhava um pouco tanto na roça como ajudando mãe e sempre cuidado, sempre fui muito dedicado, graças a Deus até hoje mãe me gabava muito, sempre fui dedicado a escola, brigava pra ir. Eu sempre gostei, mas sempre isso, eu dividia, trabalhava. Eu sempre ajudei, desde pequeno, sempre gostei de roça, de mexer com... desde o intuito do pai, da mãe mexer com isso, eu sempre gostei dessa forma, de trabalhar e ia pra escola, brigava pra ir. (INTERLOCUTOR 4, LAGOA FUNDA, 20/05/2012)

O **Interlocutor 4** quando perguntado sobre o significado da escola, relata:

além de bons professores, eu tive grandes amigos na escola que até hoje eu ainda visito, a casa de alguns professores que eu considero como amigos mesmo, que... por exemplo, um aprendizado bastante. Teve uma professora que eu não gostava dela, mas eu achei que ela foi muito, não sei se ela tá em Irecê, agora, trabalhando, mas ela era professora de história, eu foquei muito nela porque na escola ela é muito pá e tal. Quando ela chegou, ela pegou bastante no pé, aí ninguém gostou, todo mundo odiou aquela professora, falou que ela, Ave Maria, era um... mas foi bom, eu foquei muito nela porque...Ela cobrava bastante e muito inteligente...De certa forma aqui foi bom, na realidade nosso estudo aqui foi muito bom. Eu senti um pouco de dificuldade na hora que eu fui pro Barro Alto, por que a gente se tornou, da melhor turma que a gente tinha aqui em Lagoa funda, pra pior em Barro Alto em termo de bagunça, porque chegou lá, misturou os alunos. A nossa era a melhor, quando chegou lá misturou, a gente ficou... a minha turma ficou com uns dez por cento só daqui, o resto era todo de lá. Aí virou a pior turma. (INTERLOCUTOR 4, LAGOA FUNDA, 20/05/2012)

No relato do **Interlocutor 4** sobre o seu deslocamento para Barro Alto para estudar ele traz algo que é interessante para refletirmos sobre como os jovens são mais abertos a mudança, a novidade, como para o jovem o novo tem um significado de desafio:

Tudo novo é bom, é igual diz, tudo novo é muito bom, né! A gente foi, aquela farra, porque estudar numa escola nova, menina nova, tudo novo. Então foi isso, entramos na escola tudo novo, tudo muito bom, aí dividiu a turma, aí eu falei com os meninos, brinquei com os meninos, “a gente ficamos bom, só menina de Barro Alto”. Mas aí depois com o período eu falei, “Aqui eu não vou aprender nada, aqui já era, aqui vai...”, bagunça, muita zuada e tal, aí eu falei...De certa forma um pouco, porque a gente não... virou uma festa. Aí depois eu falei, “vai complicar”. Aí a gente vai acostumando, acomodando com o lugar, com as pessoas, com... aí conseguimos levar e foi bom, foi um período muito bom aquele. Bastante complicado esse primeiro ano meu, foi muito complicado. Já o segundo foi tranquilo e o terceiro, graças a Deus, a gente não teve problema. (INTERLOCUTOR 4, LAGOA FUNDA, 20/05/2012)

Sobre a experiência de estudar à noite relatada pelo **Interlocutor 4**, um ponto crucial que é apresentado é a falta de estrutura das escolas do campo. Esta falta de estrutura perdura até hoje no povoado onde vive. O seu sobrinho que tem 12 anos estuda à noite em decorrência da escola da Lagoa Funda não terem salas suficientes para toda a demanda, por isso divide as turmas, infringindo o Parecer CNE/CEB nº 06/2010, publicado em 07/04/2010, que define 15 (quinze) anos como idade mínima para estudar à noite:

eles não têm salas suficientes pra todos, vamos dizer, à tarde, aí coloca um pouco desses alunos mais novos que não poderia estudar à noite, tão estudando a noite que é o caso de alguns alunos da comunidade, na quarta série, oitava série eu tinha o que, dezesseis anos. Não suporta a escola né, aí tem que dividir os turnos, pra ser na manhã, à tarde e a noite. A manhã os pequenos, à tarde os mais ou menos e já a noite, os que eles dizem que já vão. Bom, de certa forma era uma novidade, que naquela época ninguém estudava à noite, só quem estudava à noite era os alunos grandes, já quem era de maior, tal. Pra nós era novidade, só que em torno de ensino-estudo, eu nunca gostei de estudar a noite, gostei mais pela manhã e a tarde, eu sempre gostava mais desses dois períodos. A noite é uma experiência nova, ainda mais a gente com quinze, dezesseis anos, já tava começando a entrar na adolescência, era uma festa. (INTERLOCUTOR 4, LAGOA FUNDA, 20/05/2012)

O pai da **interlocutora 3** e do **interlocutor 4**, quando entrevistado, fala sobre como o sentimento de luta pela escola na comunidade mudou com o passar dos anos. Com uma diferença de 8 (oito) anos entre os dois filhos, percebe-se que o movimento da comunidade foi diferente. Quando a turma da **interlocutora 3** iniciou o Ensino Médio, houve um movimento da comunidade como um todo, o que garantiu a escola na comunidade. Já no caso do **interlocutor 4**, parece que esta situação de saída do jovem para estudar fora, insuficiência de salas e outros problemas já está fazendo parte da vida dos povos do campo. O que é preocupante, pois apresenta uma inércia da população diante de condições inadequadas para os seus filhos estudarem.

A falta de escola de Ensino Médio nos povoados onde moram os jovens entrevistados parece natural para eles. O **interlocutor 6** que estuda em Ibititá, 35 km distante da Lagoa do Leite onde

moram seus pais, afirma que acha boa a sua escola porque oferece o curso técnico agrícola agroecológico gratuitamente. Ele afirma também que ele e o irmão se mudaram para Ibititá para ter um futuro melhor.

O **interlocutor 7**, irmão do **interlocutor 6**, relata que estudou o Ensino Fundamental I e II e as duas primeiras série do Ensino Médio em Lagoa do Leite, concluindo o Ensino Médio em Canarana. Quando perguntado se ele desejou fazer o Curso Técnico Agrícola Agroecológico, ele relatou que, como ele não sabia do projeto de ter um Curso Técnico Agroecológico na região, ele foi morar em São Paulo, conforme relato a seguir:

foi porque logo assim que eu terminei ainda não tinha, não tinha esse projeto aí e aí eu me desloquei pra São Paulo com alguns primos, fiquei lá um tempo e aí foi nesse período que chegou esse curso. Quando eu voltei, que eu retornei pra casa, as vagas já tinham esgotado. (INTERLOCUTOR 7, IRECÊ, 21/04/2012)

O **interlocutor 7** em busca de concretizar o seu sonho de estudar e ampliar o suas possibilidades de escolha, mais uma vez se afasta de sua família, indo morar em Salvador:

pouco tempo atrás eu tava em Salvador, fui tentar fazer um cursinho pré-vestibular também e tal, e aí acabou não dando certo pelo fato da condição financeira, voltei e agora, no momento, tô trabalhando em Canarana como contratado em uma loja, só que estudando em casa pra fazer o concurso da polícia da Bahia. Eu trabalho na parte de escritório, eu trabalho recebendo e-mails, fazendo vendas online e também na parte de impressão de banners, essas coisas. (INTERLOCUTOR 7, IRECÊ, 21/04/2012)

Os **interlocutores 6 e 7** ao falarem de um professor marcante, trazem a lembrança dos professores que ensinaram conteúdos que foram importantes para a sua vida prática. O **interlocutor 6**, de quinze anos, lembrou do professor que trabalhou manejo e conservação de solo e água, que foi um conteúdo que ele colocou em prática na roça do seu pai. O **interlocutor 7** lembrou do professor de química por ter contribuído para ele ampliar o gosto pela disciplina, conforme relata a seguir:

esclareceu muita coisa, eu aprendi a gostar mais da matéria, hoje é uma das profissões que eu gostaria de exercer também, é pelo fato da química mais, aonde tem a área de química que eu gostava muito, eu cheguei a trabalhar em farmácia, gostei muito da área, mexe muito com muita química, e aí seria uma das profissões que eu gostaria de exercer também fora, fora o direito né, que eu... de trabalha na policia. Pelo fato dele, pelo fato que antes quando eu trabalhava em Ibititá, quando eu estudava, aliás, eu não tinha tanto conhecimento pela química, ou seja, química, física e matemática eram meus problemas. E aí depois que eu passei pra Canarana, passei a conhecer mais, o jeito dele ensinar pra mim, eu aprendi a gostar da química né, da física e da matemática também, eu melhorei muito, foi mais isso. (INTERLOCUTOR 7, IRECÊ, 21/04/2012)

Estes relatos nos conduzem a pensar esta escola rural em que estes jovens estudaram, como muitas outras escolas que tantas outras crianças e jovens estudam, leva-nos a refletir sobre as palavras de Paulo Freire no livro Educação e Mudança que nos faz um alerta que não podemos esquecer que a

escola também faz parte da sociedade. “Ela não é uma ilha no interior da qual as contradições e antagonismos de classe não penetram”. (FREIRE,1994,p.13)

Faz-se necessário refletir sobre os princípios norteadores da educação no século XXI, trazidos por Flecha e Torjada (2000), que ressalta que, a educação precisa ter como princípios: a aprendizagem instrumental de conhecimentos e habilidades, igualdade, solidariedade e transformação.

No caso específico dos jovens desta pesquisa, a escola deu conta de apenas um princípio da educação, a aprendizagem instrumental de conhecimentos e habilidades. Os demais, igualdade, solidariedade e transformação, ela e eles adquiriram nas suas diversas relações estabelecidas com uma multiplicidade de espaços e de pessoas (família, sindicato, a feira agroecológica, o GARRA, o engenheiro agrônomo), apresentados ao longo de nosso diálogo.

Vale ressaltar, também que nos processos educativos vivenciados ao longo de nossas vidas não podemos esquecer as memórias afetivas. A interlocutora 3 quando perguntada sobre uma cena marcante de contato com a terra ela relata que a mãe estava grávida do irmão que hoje tem 19 anos e ela disse ao pai que só ajudava a colher o feijão se o pai cantasse. Então ela lembra o momento em que ela e a irmã mais velha, catavam o feijão e o pai cantava para atender ao seu pedido.

Desta forma, reforça-se o papel educativo do trabalho na roça, evidenciando a necessidade da terra para o homem do campo. Os jovens desta pesquisa, cuja família sempre foi dona de sua terra, tem uma relação de pertença àquele espaço, como espaço de vida, reconhecendo que é um espaço de liberdade, mesmo buscando viver outras experiências em outros lugares diferentes da sua cidade de origem.

Este sentimento de pertença é construído através dos processos educativos vivenciados por cada um destes jovens, nos espaços escolares, mas principalmente, nos espaços não-escolares como sinalizado por cada um dos entrevistados.

A educação escolar e a não-escolar tem um papel fundamental na construção dos projetos de vida dos jovens envolvidos com a agricultura familiar agroecológica. Esta educação a que me refiro como o processo de tomada de consciência de si, do outro e do mundo, numa atitude de transformação do seu contexto de vida, tem sido pouco desenvolvida pela escola oferecida nos espaços rurais.

O que vemos é que o conhecimento adquirido por estes jovens sobre o respeito consigo, com o outro e com o mundo, foi construído a partir de suas relações com a terra, com a família, no sindicato, na comunidade em que vivem, nas intervenções técnicas do GARRA e do Engenheiro Agrônomo da EBDA que se comprometeram com um processo educativo que os possibilitem vivenciar o mundo rural, segundo Wanderley (2009, p.18), como um lugar de vida, que se define enquanto um “espaço singular e um ator coletivo. Em cada caso, as tramas espaciais e sociais e as trajetórias de desenvolvimento dão o sentido das relações campo-cidade, construídas no plano da complementaridade e da integração.”